

Os movimentos católicos juvenis: histórias de vida

Decidi percorrer convosco, ainda que brevemente, um caminho que fiz com jovens membros do MCE-Movimento Católico de Estudantes, quando preparavam e realizaram as IV JUC (Jornadas de Universitários Católicos) que tiveram lugar em Coimbra nos dias 20, 21 e 22 de Novembro de há oito anos (1992)

José Manuel Pereira de Almeida
Médico e Teólogo

Um dia, o comandante da guarda da prisão de S. Petersburgo onde se encontrava o Rabino Shneur Zalman, entrando na sua cela para o levar ao tribunal onde devia comparecer, encontrou-o com uma serenidade tal que lhe fez perceber a qualidade humana do prisioneiro que tinha diante de si. Na conversa que imediatamente iniciou, quis percorrer as mais variadas questões que se lhe levantavam quando lia a Escritura. «Por fim perguntou: Como é que se deve interpretar que Deus, omnisciente, diga a Adão: “Onde estás?”». O rabino pretendeu assegurar-se da atitude de fé do comandante, perguntando-lhe se acreditava que a Escritura «abraça todos os tempos, todas as gerações e todos os indivíduos». Perante a resposta afirmativa, continuou: «Em cada tempo Deus interpela cada homem: “Onde estás no mundo? Dos dias e dos anos a ti concedidos já passaram muitos... Entretanto até onde chegaste?”» E acrescentou: «Deus diz, por exemplo: “Já estás vivo há quarenta e seis anos. Onde te encontras?”» Ao ouvir o número exacto dos seus anos, «o comandante conteve-se a custo, pôs a mão nas costas do rabino e exclamou: “Muito bem!”; mas o seu coração tremia.»¹

Quando li pela primeira vez esta história eu tinha quarenta e seis anos.

É uma história da literatura cassídica, contada por Martin Buber numa conferência no Congresso de Woodbrook em Bentveld.

Quando me digo, digo *onde* estou.

Ao contrário da tradição da filosofia, em que a per-

¹M. BUBER, *Il cammino dell'uomo*, Magnano 1998, 17-18.

gunta acerca da identidade recai sobre o *quem*², as perguntas bíblicas que dizem respeito ao global da existência humana (questões nascidas na tradição Javista) são formuladas com uma atenção particular contida no *onde*: «Onde estás?» (Gn 3, 9b) pergunta Deus a Adão; «Onde está o teu irmão Abel?» (Gn 4, 9a) pergunta Deus a Caim. Estas são perguntas sobre a relação³.

A relação com o outro está presente nas “origens” da experiência moral enquanto tal, como fundamento da sua especificidade. «Serei, porventura, o guarda do meu irmão?» (Gn 4, 9b). Com a ilusão de se “ver livre do irmão”, ele perde o irmão e perde-se como irmão.

Onde estou? Onde está o meu irmão?

Só posso dizer “*onde* estou”, em determinadas coordenadas de espaço e de tempo, se me situar em relação. Não sei fazê-lo se não souber “*onde* está o meu irmão”.

Se o meu horizonte for um projecto de fraternidade, de tendencial comunhão, em que o encontro com o *outro* se realiza, efectivamente, de coração desarmado, num diálogo confiante, aos *caminhantes* com quem faço caminho, aos *companheiros* de viagem, só posso chamar-lhes *irmãos*.

Quando o Professor Dimas de Almeida me convidou para participar numa mesa redonda destas Jornadas, não sei se sabia o que estava a fazer. Sei que quando aceitei participar – e aceitei imediatamente – eu é que não sabia de todo o que me esperava...

Propor-vos uma reflexão no âmbito dos “movimentos católicos juvenis” que tivesse em conta o que pode entender-se por «história de vida», sem a experiência na primeira pessoa que têm os outros intervenientes da mesa (ambos foram membros de equipas internacionais de movimentos católicos: JECI e/ou MIEC), era tarefa que me havia de ocupar – e preocupar – bem mais tempo do que imaginava à partida.

Decidi percorrer convosco, ainda que brevemente, um caminho que fiz com jovens membros do MCE-Movimento Católico de Estudantes, quando preparavam e realizaram as IV JUC (Jornadas de Universitários Católicos) que tiveram lugar em Coimbra nos dias 20, 21 e 22 de Novembro de há oito anos (1992).⁴ Eu era o Assistente Diocesano de Lisboa do MCE e fui também o Assistente da Comissão de Preparação das JUC, coordenada pela Ana Berta Sousa, então estudante de medicina e que concluirá para o mês que vem o seu doutoramento em genética molecular em Colónia.

As Jornadas realizadas com mais de duzentos participantes, intitularam-se «Diálogos sobre sexualidade e afectividade» e o percurso realizado por cada uma das pessoas da Comissão e pelo grupo como um todo foi, em minha opinião, exemplar. Reunindo jovens estudantes «de distintas proveniências geográficas» e com «diferentes experiências», não foi só a esta Comissão que se restringiu a preparação das jornadas: muitos houve que, no dizer da Ana Berta, «aceitaram o convite dos *Com Afecto*⁵ a “confidências e conversas mais ou menos prolongadas, mais ou menos íntimas, de dias e noites, amores e desamores, prazeres e receios, [fosse] em casa ou à mesa do café”⁶, ou outros, desde que destruídas as barreiras ou defesas».⁷

² Cf., por exemplo, H. ARENDT, *Vita activa. La condizione umana*, Milano 1997, 129: «(...) o acto primordial e especificamente humano deve, ao mesmo tempo, conter a resposta à pergunta colocada a todo aquele que chega de novo: “Quem és tu?”»; e também J. NABERT, *Eléments pour une éthique*, 180: «Vê-se melhor (...) porque é que cada nível da comunicação corresponde a uma determinação do “quem sou eu, eu que respondo; quem sou eu, eu que interrogo?”».

³ Sigo de perto, embora só a aflore, a excelente exposição de S. BASTIANEL, “Dov’è?” La domanda di responsabilità », *Servitium* 110 (1997) 147-161.

⁴ As próximas Jornadas são as VIII JUC, realizar-se-ão em Aveiro nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro e têm por título “Actores e Figurantes num Cenário Global”.

⁵ Publicações temáticas editadas como preparação das IV JUC.

⁶ «Editorial» in *Com Afecto* 2 (1992) 3.

⁷ A. B. SOUSA, «Abertura das IV Jornadas de Universitários Católicos» in *Encontro. Jornal de universitários católicos*, 4^a. Série, 1 (1993) 4.

Tenho comigo aqui os cadernos em que fui escrevendo as notas de cada uma das reuniões. Trouxe também os números do *Encontro, Jornal de Universitários Católicos* (IV série, em 1993, cujo director era António Marujo), publicados com a Abertura e as Conclusões das Jornadas, e as intervenções de José Tolentino Mendonça e José Mattoso (que participaram no painel «Discursos e Comportamentos»), João Seabra Diniz (sobre «Desejo e Norma») e Jorge Cunha (acerca de «Sexualidade e Ética»). As Jornadas contaram ainda com a presença, entre outros, de António Alçada Baptista e de Francisco Allen Gomes. Esteve também o Bispo de Coimbra, D. João Alves, que fez a sua intervenção na conclusão dos trabalhos.

«A história não se constrói só à custa dos grandes personagens e dos acontecimentos que estes protagonizam. A par desta “grande história” corre outra mais obscura. É a “pequena história” que traz o seu olhar poitado sobre a gente comum e se preocupa com a sua vida quotidiana. A esta história interessam as transformações do comportamento social lidas a partir do estudo das mentalidades, dos fenómenos religiosos, das atitudes perante a doença e a morte, da estrutura familiar, do casamento, do amor e da sexualidade...»⁸ Esta afirmação abriu oficialmente as Jornadas. A Ana Berta pronunciou-as com uma segurança e uma alegria indelével. Estávamos num ponto de chegada que era também ponto de partida.⁹

Continuou: «Com as grandes questões acontece a mesma coisa. As interrogações mais profundas acerca da sociedade portuguesa, ou mesmo do âmbito mais restrito da Universidade, completam-se com a compreensão dos comportamentos dos indivíduos que aí se movem, bem como das motivações que os animam. Ganham assim espaço, se não mesmo pertinência, as questões do indivíduo enquanto tal, da pessoa na multiplicidade das suas dimensões.»¹⁰

Esta temática tinha sido escolhida dada a «importância fundamental na estruturação e vivência do nosso ser pessoa», diziam, acrescentando. «E também porque pressentimos e denunciámos o abandono a que são geralmente votadas estas questões e nos sentimos interrogados inclusivamente pelo significado e o valor dessa omissão. Trata-se de uma área em que podem ser difíceis as sínteses pessoais e em que é reveladora a desarticulação entre variadas formas de teoria possíveis e as muitas práticas. É desta leitura que sucessivamente saímos desafiados a confrontar os comportamentos e discursos do meio estudantil com os modelos culturais vigentes e o discurso (moral) compreendido como voz oficial da Igreja».¹¹

Como conclusões foram propostas doze teses¹². Nomeio-as, indicando muito brevemente o aspecto sublinhado:

Tese sobre as Ciências Humanas – transdisciplinaridade.

Tese sobre o Desejo – caracteriza o *humano* que há em nós.

Tese da Alteridade – sobre a presença e a ausência do Outro.

Tese sobre a Norma – só é compreendida na relação.

Tese sobre a Normatividade – distinção entre norma social e norma ética, e entre culpa moral e culpa psicológica, e afirmação da historicidade de toda a norma moral.

Tese da Linguagem sobre a Sexualidade – “um amor que não é dito não é humano”.

Tese da Sexualidade enquanto Linguagem – sem ela não nos dizemos completamente.

Tese sobre a racionalidade – (não racionalista) importância também da exemplaridade, em especial da pessoa de Jesus.

⁸ *Idem*, 3.

⁹ Cf. *Idem*, 5: «Isto é contar-vos de um pequeno percurso que nos traz a hoje. É a partir dele que vos proponho um outro que percorreremos juntos estes dois dias».

¹⁰ *Idem*, 3-4.

¹¹ *Idem*, 4.

¹² COMISSÃO DE PREPARAÇÃO DAS IV JUC, «Conclusões das IV Jornadas de Universitários Católicos» in *Encontro. Jornal de universitários católicos*, 4ª. Série, 1 (1993) 9-12.

Tese sobre a Aprendizagem – afectiva e efectiva; o valor do risco e a rejeição de uma «proposta estática e bloqueadora».¹³

Tese sobre a Responsabilidade – o nosso conhecimento e a nossa liberdade são chamados a tornarem-se responsabilidade.

Tese sobre a Função do Magistério – (cito integralmente) «Estamos cansados de ouvir o Magistério reeditar uma moral normativa cuja recepção é mínima – o que só o desacredita face à opinião pública – e pedimos-lhe que nos confirme e encoraje a um viver de gente cada vez mais madura e crítica, apontando valores e princípios gerais e não prescrições particulares»¹⁴.

E, finalmente a Tese sobre a Liberdade que não resisto a citar de igual modo – «O desafio de liberdade habita o nosso coração. É o desafio a vivermos uma vida cheia de sentido e vivendo-a, como percurso, palpamos já esse projecto. É o desafio a buscar sempre maior perfeição no nosso agir; com a nossa fragilidade arriscar partir. É o desafio a sermos cada vez mais humanos. Plenamente humanos».¹⁵

Foram as IV Jornadas de Universitários Católicos.

Que é feito desta gente? Alguns continuamos a encontrar-nos, aqui ou ali, mais regularmente ou só de forma esporádica. Na rua ou em casas de amigos. Na celebração eucarística, em baptismos, em casamentos. Em festas de anos, em concertos, em conferências.

E os outros?

Que é feito dos sonhos? Das expectativas? Da vida?

Sob o ponto de vista institucional recordo apenas que no ano seguinte, na sequência de uma tomada de posição pública a propósito de Moral Sexual por parte da Equipa Nacional do MCE a seguir à realização do Conselho Nacional do Movimento em Setembro de 1993 (o Coordenador Nacional era então o estudante de sociologia do ISCTE Miguel Fontes, agora Secretário de Estado da Juventude) a Conferência Episcopal respondeu com uma *Nota* sublinhando que «tais posições se afastam da doutrina da Igreja, ainda bem recentemente proposta pelo *Catecismo da Igreja Católica* e pela Encíclica *Veritatis Splendor*».¹⁶

Não teria sido este género de pronunciamento do Magistério o que era esperado ao pedirem-lhe, recordo, que os confirmasse e encorajasse «a um viver de gente cada vez mais madura e crítica, apontando valores e princípios gerais e não prescrições particulares». Mas foi esta a atitude tomada. (Que teve desenvolvimentos, diálogos e tudo, mas não vêm agora a propósito.) Quando me digo, digo *onde* estou.

E para o dizer preciso de responder a esta outra (ou mesma) pergunta: *onde* está o meu irmão?

Aquelas foram as Jornadas com mais encanto em que alguma vez estive.

E «porque o fazemos em conjunto – dizia a Ana Berta ao referir-se ao percurso – somos também cúmplices, cúmplices de um mesmo encantamento»¹⁷.

¹³ *Idem*, 11.

¹⁴ *Idem*, 11-12.

¹⁵ *Idem*, 12.

¹⁶ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, «Nota a propósito de algumas afirmações do Movimento Católico de Estudantes» de 11 de Novembro de 1993.

¹⁷ A. B. SOUSA, «Abertura das IV Jornadas de Universitários Católicos» in *Encontro. Jornal de universitários católicos*, 4^a. Série, 1 (1993) 7.